

# PERDIDOS !!!

MISSÃO INGLESA  
NA AFRICA

MISSÃO PORTUGUEZA  
EM LONDRES



MUITO CORRECTO

# IMPOTENTE !!!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Mr. Billot, ministro da republica franceza, sahe para Roma, onde junto da côrte d'Italia, desempenhará funcções identicas ás que representou, durante alguns annos, na côrte de Portugal. Entre as figuras do nosso corpo diplomatico, tão inoffensivamente agradaveis algumas, e tão velhaças outras, sob apparencias de bonhomia, esta de Mr. Billot apparece-nos como uma personificação da honra cavalheirosa, da lealdade alta, da intelligencia fina e espirituosa; e em todos os espiritos elle deixa saudades immorredouras, sympathias vividas e profundas, já na colonia franceza de Portugal — que ainda ha quatro dias lhe offereceu um banquete — já entre os portuguezes, para quem Mr. Billot personificava ás mil maravilhas, o glorioso e grande paiz francez, que todos adoramos.

## THEATRO DE D. MARIA

D. AFFONSO VI, DRAMA HISTORICO EM CINCO ACTOS,  
POR D. JOÃO DA CAMARA

Já resvalou ao cesto das phrases tolas, o dizer-se que a litteratura nacional foi opulentada com uma nova joia, todas as vezes que a poesia engalfinha dialogos de reis com conspiradores, e condimenta o todo com fatos de velludo, em quatro actos ou prantos, que desfecham pela morte d'um, pela acclamação d'outro, e pelo obrigado meu Deus! da maior parte.

Por isso retiramos a formula carunchosa, que nem por se ter estragado no glossario dos réclames avulsos, deixaria de ter, applicada á bella obra de João da Camara, o valor d'uma comparação concisa e justa.

E' que de facto o D. AFFONSO VI salta da carpintaria sabida dos *faiseurs*, e tergiversa com uma frescura de tintas muito doce, do receituario epico que a poesia contemporanea adoptou, para fazer heroes de simples manequins.

O que mais nos captiva na obra de João da Camara, não é tanto o canevas historico e politico do drama (cuja physiologia cruel este susceptibilissimo artista attenuou, té aos humbraes de uma enternecida mesericordia pelos excessos amorosos de D. Pedro, e pelas desfallencias sexuaes de D. Affonso) senão o esforço paciente, honrado, brilhante, encantadoramente respicaz com que elle conseguiu visio-nar certos recantos typicos da vida portugueza d'esse tempo, e o brilho limpido com que, n'esse fundo ingrato, elle conseguiu destacar por vezes scenas, cuja insinuante poesia põe nas veias dos personagens, duplas circulações de febre e grande vida.

No Affonso vi nota-se pela primeira vez, depois do FREI-LUIZ DE SOUZA, essa intuição *d'ensemble* que é a primeira qualidade do romancista e do dramaturgo, e mediante a qual a sensibilidade d'um homem consegue, por um prodigio d'adaptação psychologica, revestir tantas modalidades diversas e contrastantes, quantos os typos a fazer conflagno entreccho dramatico preconcebido. Mercê d'essa intuição, cada figura do drama guarda assim a sua linha moral, a sua linguagem e a sua mimica, vive e suspira d'uma vida propria, sem necessidade de cordão umbilical que a prenda, pela sonoridade do verso, á emoção desprevenida do espectador; e porque os cyclos d'acção de personagens assim forjados, se não confundam ou esqueçam, mau grado o entrecruzarem-se na scena, resulta que o auditorio sahe do theatro levando no espirito essas figuras nervosas, fortes, arcabouçadas d'audacia ou d'infortunio, palpitando todas como syntheses, e mordidas d'expressão como aguas-fortes.

Não vá este geito d'apreciar a factura dramatica de João da Camara, ser lançado á conta de negação ou desdem pelo feittio artistico dos mais, que se teem dado a escavar peças, da historia portugueza. Aponte-se no entanto o singular e discreto proposito do moço dramaturgo, como um rarissimo dom d'artista que vê largo, e que podendo ter deslumbrado á vontade a platea, nada mais do que pela refulgencia do verso, muita vez sacrificou essa ficticia pompa, áquellas preocupações sutis de vida moral, áquellas resurreições humoristicas da alma antiga, que fazem do seu D. AFFONSO VI, especialmente, uma magnifica pintura de costumes.

IRKAN.



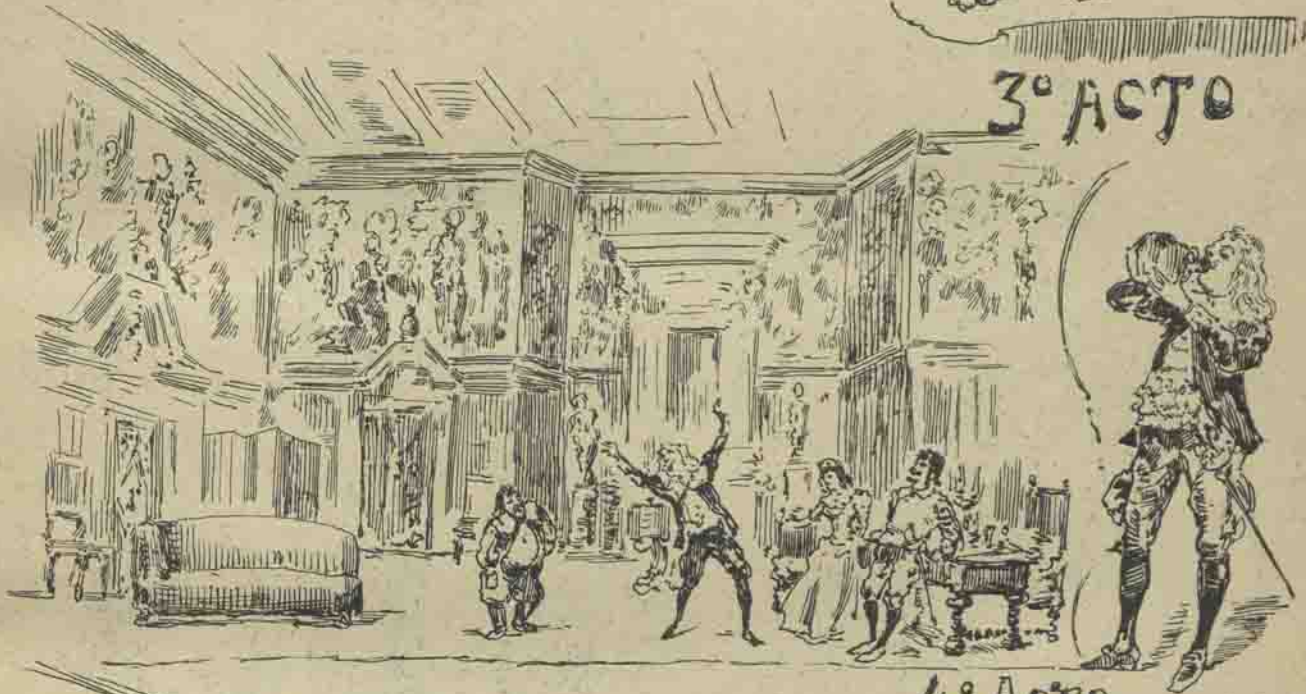
# THEATRO DE D. MARIA

D. AFFONSO VI, DRAMA HISTORICO EM CINCO ACTOS,  
POR D. JOÃO DA CÂMARA

## 1º ACTO



## 3º ACTO



## 4º ACTO



RAPHAEL BORDALO PINTOR

D. PEDRO DE A. MARIA

D. ALFONSO VI.



D. JOÃO DA CAMARÁ

INFANTE RAINHA D. ISABEL D. ALFONSO VI

Grande

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO.

COMDE DE CASTELL



## Convenções semaphoricas PARA A LEI DE REPRESSÃO

Quando a força da atarraxa  
À vontade corresponda,  
Deve ser obra de escacha  
A repressão da laracha  
Escripta em letra redonda!

Lei, qual marrada de chibo,  
Nos vae dar rijo quinaul  
Eu, que larachas exhibo,  
Vou ficar co'o pé no estribo  
D'um cavallinho de pau!

Vendo o caso assim bicudo,  
Vendo o caso assim fosforico,  
Julgarão que eu fico mudo?  
—Direi tudo, tudo, tudo,  
P'lo systema semaphorico...

Vou dar a lume um tratado  
Que ha tres dias me atarefa  
E no qual ponho indicado  
Cada vario potentado  
Por diff'rente sinalefa.

D'esta forma, fallarei  
Mesmo ao rei com virulencias;  
Não lhe ponho o nome —rei—  
Mas, em seu logar, porei:  
*Tres pontinhos, reticencia. (...)*

Ao tal senhor patriarcha  
Chamarei nomes de truz;  
Na igreja é mestre da barca,  
E assim, por signal ou marca,  
Galha bem pôr-lhe *uma cruz. (+)*

O Serpa, que é presidente  
D'um gabinete de tontos,  
Ficará p'ra toda a gente  
Conhecido unicamente  
P'lo—*conselheiro dois pontos. (:)*

Do nóbre bailio de Malta  
Logo o nome se decifra,  
Quando na escripta resalta,  
De melhor signal á falta,  
Em vez do nome—*uma cifra. (0)*

.....  
Embora o caso bicudo,  
Embora o caso fosforico,  
Eu, por mim, não fico mudo:  
—Direi tudo, tudo, tudo,  
P'lo systema semaphorico!



Todas as demonstrações patrioticas nos merecem sympathia, mesmo a das bolaxas, que o sr. Eduardo Costa acaba de lançar no commercio, baptisadas com o nome de Serpa Pinto.

E as razões são flagrantes! Primeiro, porque a bolaxa é um meio de vulgarisação como outro qualquer, que grava no espirito a legenda que o fabricante lhe põe por cima, medeante a agradável sensação que, mastigada, ella produz ao paladar. Segundo, porque desacreditando a Inglaterra em bolachas de herva doce, o sr. Eduardo Costa concorre para a riqueza nacional, visto fomentar uma industria por todos os motivos digna d'incitamento.

Exaltemos portanto as bolachas SERPA PINTO, e divaguemos, saboreando-as:

—A Inglaterra decididamente é uma ladra! Excelentes bolachas para chá. O que fará o Barjona agora ao pé do Salisbury! —E' uma delicia este picantesinho de herva doce! Abaixo os piratas! *Tchim! tachim!...*

**INDUSTRIA NACIONAL**  
**BOLACHAS E BISCOITOS**

**FABRICA DA PAMPOLHA**  
Eduardo Costa



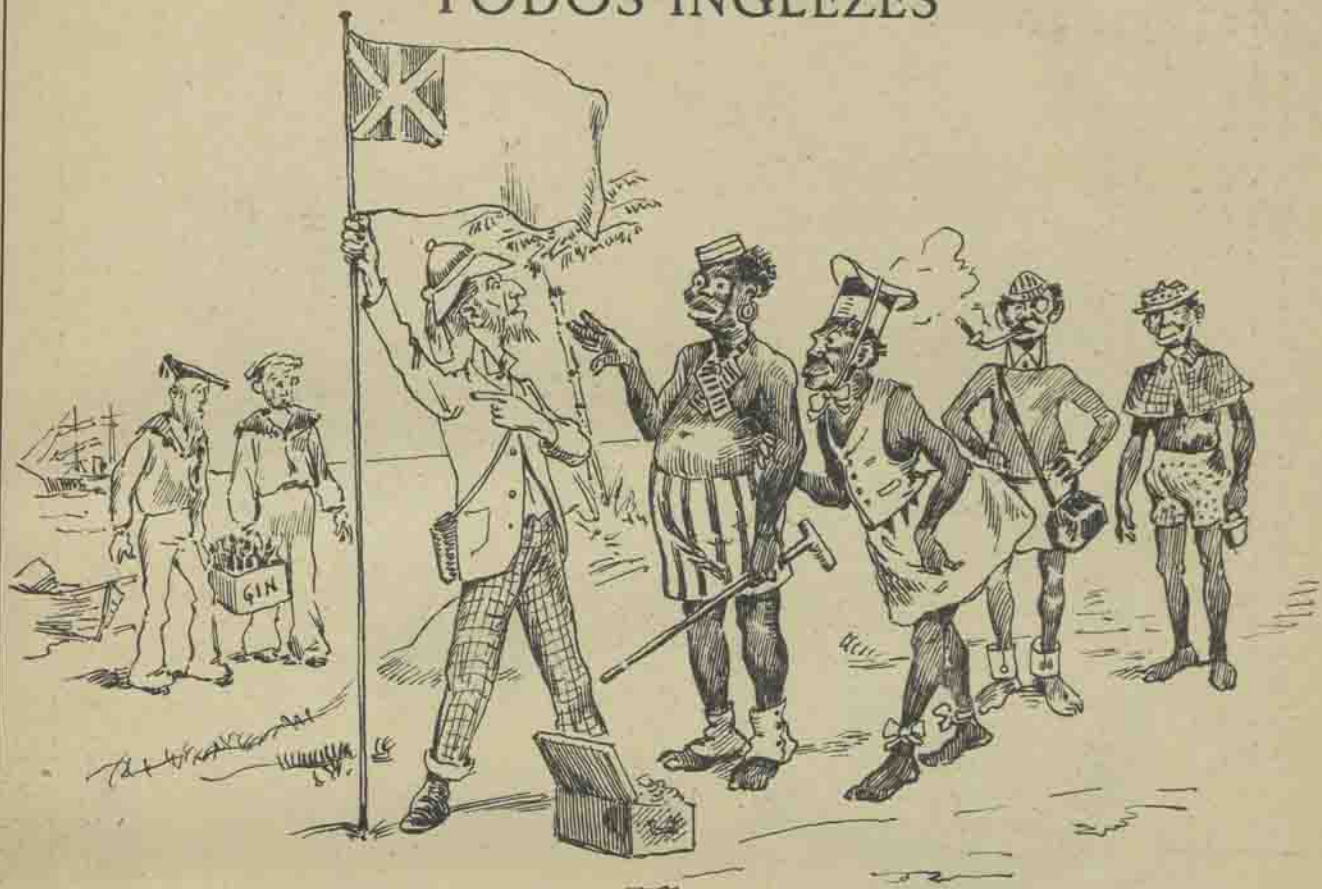
**DEPOSITO GERAL**  
**Rua dos Retrozeiros 32 e 34**  
**LISBOA**

### PRINCIPES DO CONGO

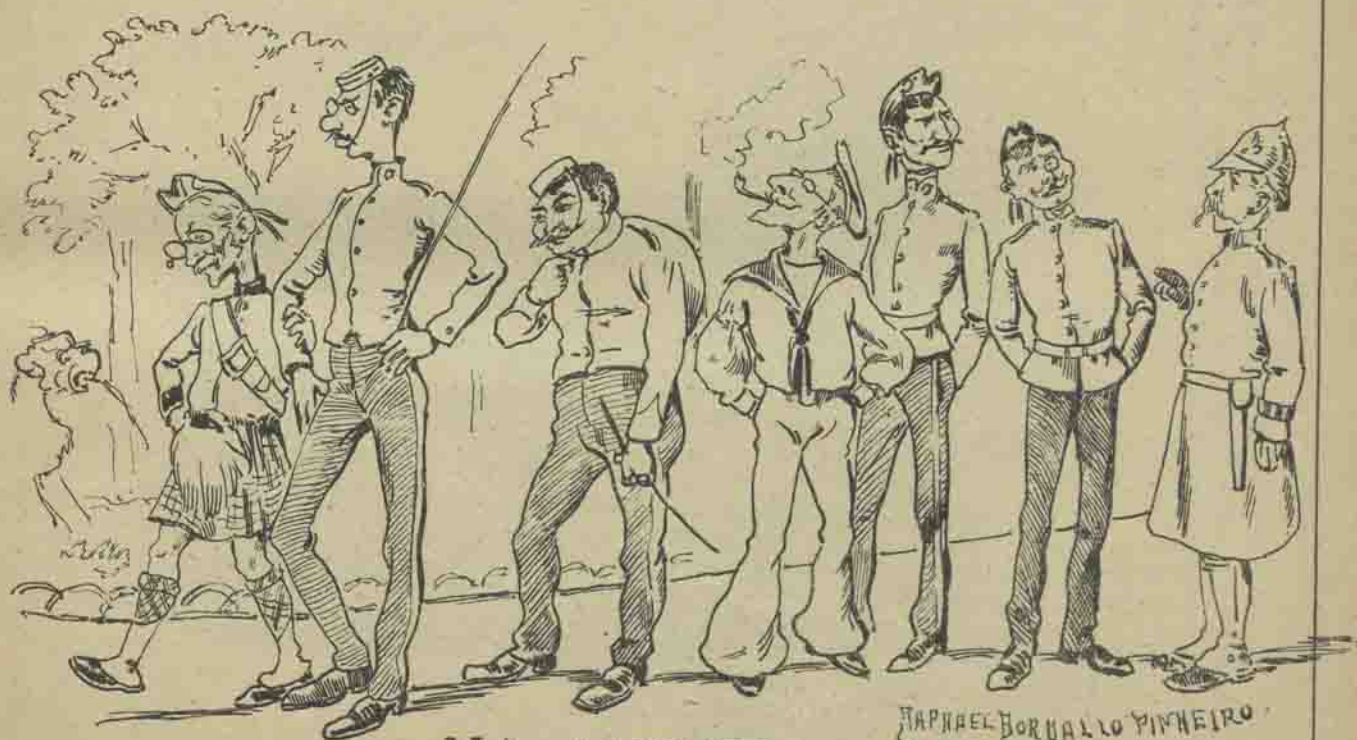
- ▶ ós qu'reis um sabonete fino e perfumado,
- ▶ ponto de que a pell' d'um rosto já fanado,
- ▶ mite, na brancura, os cysnes mais gentis,
- ▶ emelle, em formosura, os tenços colibris?
- ▶ em mais demora, pois, se o sabonete qu'reis,
- ▶ interrogae o povo, o clero, os proprios reis,
- ▶ todos vos dirão após eucomio longo:
- ▶ ecorta aos sabonetes — PRINCIPES DO CONGO!

Perfumaria Fabeser, em Paris. — Vende-se nas principais perfumarias.

# TODOS INGLEZES



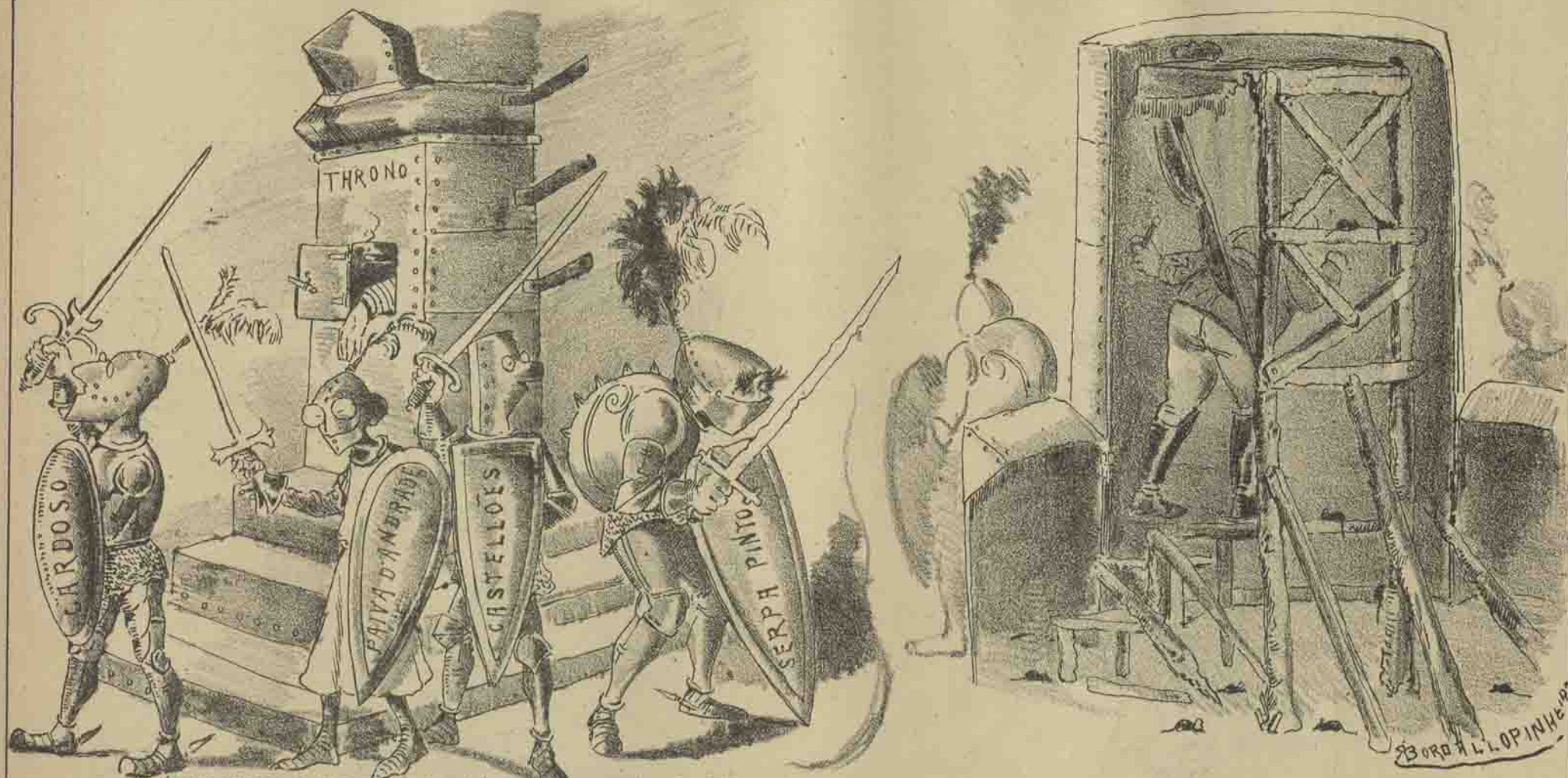
# NO CHIRE



# NA AVENIDA

RAPHAEL BORGALLO PINHEIRO

## A couraça eleitoral



O throno couraça-se para resistir aos embates da democracia, cuja viva maré ameaça dar-lhe agua pela barba—tanto monta dizer, pelo baldaquino. Entre os meios de defeza adoptados, destaca o d'uma guarda de ministros, protegidos pelo ferro e pela lei da imprensa, a qual cuida livrar-se dos candidatos republicanos por Lisboa, mettendo á cara do publico os nomes dos exploradores africanos.

Vae, como os nossos systemas de defeza são d'uma vista só, e o throno portuguez é d'encostar á parede, como os armarios, acontece que o menor desvio deixa vêr n'esse moel, o reverso carunchento, e o sitio podre onde abrir brécha é coisa facil.